

CONSUMO DE ÁLCOOL CONSIDERADO DE RISCO ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA DE IPATINGA - MG

ALCOHOL CONSUMPTION CONSIDERED RISKY AMONG HIGH SCHOOL TEENAGERS IN PUBLIC AND PRIVATE SCHOOLS IN IPATINGA - MG

THAYLA BRANDÃO DUARTE¹, ALEXANDRE HENRIQUE CAMPOS VALADARES¹, RAFAEL M.C. PADOVANI¹, LETÍCIA ALVES CARVALHO¹, MERY NATALI ABREU², PATRÍCIA GONÇALVES MOTTA³, ANALINA FURTADO VALADÃO^{3*}

1. Acadêmico (a) do Curso de Graduação em Medicina da União Educacional do Vale do Aço (UNIVAÇO); 2. Graduação em Estatística (UFMG), Mestrado e Doutorado em Saúde Pública/Epidemiologia (UFMG), Docente do Curso e Mestrado em Gestão de Serviços de Saúde e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem na Escola de Enfermagem (UFMG); 3. Cirurgiã Dentista, Doutora em Ciências da Saúde (UFMG) e Pós-Doutorado em Fisiologia (Justus- Lieb- Universität Gießen), Docente do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/Imes – Univaço. 4. Farmacêutica, Doutora em Bioquímica e Imunologia (UFMG), Docente do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES – Univaço, Ipatinga, MG.

* Rua João Patrício Araújo, Veneza, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil. CEP: 35164-251. analina.valadão@univaco.edu.br

Recebido em 07/03/2021. Aceito para publicação em 26/04/2021

RESUMO

O presente estudo avaliou a prevalência do consumo de álcool considerado de risco entre adolescentes do Ensino Médio em escolas pública e privada, de Ipatinga, Minas Gerais e investigou os fatores relacionados a esse consumo. Foi realizado estudo observacional transversal com uma amostra de 523 adolescentes matriculados no município de Ipatinga, consistindo 328 alunos em escola pública, 195 de escola privada com uma média de idade de 16,6 anos. Foram aplicados o Teste de Identificação de Problemas Relacionados ao Uso de Álcool – AUDIT além de um questionário estruturado para dados sociodemográficos e fatores associados. A análise estatística envolveu o teste de qui-quadrado ($p < 0,05$) e análise descritiva. Observou-se uma prevalência total do consumo de risco de 25,9% (AUDIT). A baixa escolaridade materna, etilismo de irmãos e amigos, o fato de morarem sozinhos ou com outros não familiares e reprovação escolar são fatores relacionados a uma maior chance de consumo de álcool entre adolescentes do Ensino Médio. Em relação ao tipo de escola, não houve associação com consumo de risco. Portanto é necessário entender o cenário epidemiológico desse agravamento de saúde, visando diminuir a prevalência de consumo de álcool e intervir nos seus fatores associados.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescentes; Álcool; Consumo; Ensino Médio; Fatores associados.

ABSTRACT

The present study evaluated the prevalence of alcohol consumption considered to be risky among high school adolescents in public and private schools, in Ipatinga, Minas Gerais, and investigated the factors related to this consumption. A cross-sectional observational study was carried out with a sample of 523 adolescents enrolled in schools in the city of Ipatinga, consisting of 328 students in public schools, 195 in private schools, with an average age of 16.6 years. The Alcohol Use

Disorder Identification Test - AUDIT was applied in addition to a structured questionnaire for sociodemographic data and associated factors. The statistical analysis involved the chi-square test ($p < 0.05$) and descriptive analysis. There was a total prevalence of risk consumption of 25.9% (AUDIT). Low maternal education, alcoholism of siblings and friends, the fact that they live alone or with other non-family members and school failure are factors related to a higher chance of alcohol risk consumption among high school adolescents. Regarding the type of school, there was no association with risky consumption. Therefore, it is necessary to understand the epidemiological scenario of this health problem, in order to reduce the prevalence of alcohol consumption and intervene in its associated factors.

KEYWORDS: Teenagers; Alcohol; Consumption; High school; Associated factors.

1. INTRODUÇÃO

O consumo de drogas está relacionado a muitos agravos de saúde e alta mortalidade em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) droga é toda substância não produzida pelo organismo que, quando administrada ou consumida por um ser vivo, é capaz de modificar suas funções. O uso do álcool, em especial, por ter consequências tanto agudas quanto crônicas, está relacionado, sobretudo, a acidentes de trânsito, homicídios, suicídios, demência alcoólica, hepatite, pancreatite, infarto, arritmia e cardiomiopatia alcoólica¹.

O álcool é capaz de causar alterações no sistema nervoso, mudança de comportamento e dependência. É considerado responsável por 3,2% de todas as mortes e 4% de todos os anos de vida útil perdidos. Além disso,

por ser uma droga lícita, é também a substância psicotrópica mais consumida no mundo, sendo utilizada por mais de 2 bilhões de pessoas². Considerando que o consumo de bebidas alcoólicas é um comportamento social há diversos fatores associados como amigos, família, escola, mídia, seja para estimular a experimentação, seja não³.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), adolescência compreende o período de vida entre 10 e 20 anos incompletos, caracterizado por importantes transformações físicas – crescimento como um todo e surgimento da puberdade, evidenciada pelos caracteres sexuais secundários – reorganização psíquica, peculiaridades afetivo-sexuais, comportamentais, socioculturais, espirituais, com busca de projetos de vida e outra percepção do mundo⁴. A OMS também considera que essa etapa é dividida em três fases: pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos; adolescência – dos 15 aos 19 anos completos e juventude – dos 15 aos 24 anos.

Entretanto no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - órgão que reúne leis específicas com direitos e deveres de crianças e adolescentes, define que a adolescência corresponde a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos.

A adolescência é uma fase marcada pela forte propensão a assumir riscos e pela alta procura por novas sensações; por isso se torna propício o consumo de álcool e outras droga¹. Dessa forma, muitos adolescentes utilizam droga tanto como um instrumento de autoafirmação bem como aceitação em grupos sociais. Além disso, o ato de consumir álcool representa para o adolescente uma maneira de transgredir condutas e limites impostos pela sociedade⁵.

O consumo de bebidas alcoólicas nesse grupo é preponderante, tanto pela maior tendência à impulsividade nessa fase da vida, quanto pelo prejuízo causado pelo álcool ao desenvolvimento cerebral na infância e na adolescência. Compromete, sobretudo, a região cortical, afetando negativamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do indivíduo⁶.

Apesar de seu uso e venda serem proibidos para menores de 18 anos, o consumo entre adolescentes é amplamente difundido, com cerca de 65% dos adolescentes brasileiros tendo experimentado álcool pelo menos uma vez na vida. Dentre os fatores associados a bebidas entre adolescentes, pode-se destacar a influência de amigos e a necessidade de se socializar, além de ambiente familiar permissivo, principalmente quando conflituoso^{7,8}.

Como alerta Reis e Oliveira⁸, em um ambiente familiar conturbado, o adolescente procura o álcool como forma de fuga do sofrimento existente. De acordo com Brito *et al.*⁹, utilizar bebida alcoólica é uma forma de o jovem aliviar emoções negativas já que não sabe lidar bem com isso. Além desses fatores, Malta *et al.*¹ observaram que, nas famílias em que o consumo de álcool é frequente, é mais comum a experimentação

da bebida pelos adolescentes, sobretudo pelo fato observado de que pais que consomem bebidas alcoólicas tendem a ser mais permissivos em relação a esse hábito pelos filhos.

A incidência do consumo de álcool na adolescência é alta, e estudos apontam para diminuição da idade de utilização. No Brasil, a primeira idade na qual o consumo ocorre, em média, é aos 12,5 anos¹⁰. De acordo com Malta *et al.*¹, a bebida alcoólica presente no cotidiano de adolescentes está relacionada a acidentes de trânsito, suicídios e homicídios, constituindo as principais causas de morte entre jovens. Sendo assim, constitui um problema de saúde pública por se relacionar a comportamentos de risco.

O álcool reduz a capacidade de discernimento, possibilitando que o jovem comprometa a noção de julgar o certo e o errado. Assim, em um estado de vulnerabilidade, o adolescente fica propenso a tomar atitudes que, caso estivesse sóbrio, não tomaria⁸. Por fim, é válido ressaltar que tal consumo na adolescência está relacionado a outros comportamentos de risco, como uso de tabaco e drogas ilícitas, ansiedade, depressão, distúrbios alimentares, brigas em escolas e outros comportamentos violentos¹.

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE realizada pelo IBGE em 2015, 73% dos jovens escolares de 16 a 17 anos já experimentaram uma dose de bebida alcoólica. Nesta faixa etária, observou-se que aproximadamente 21% dos adolescentes consumiram a primeira dose de bebida alcoólica antes dos 14 anos de idade, e cerca de 60% possuíam amigos que o consumem. Em torno de 37% dos escolares apresentaram ocasiões de embriaguez, e cerca de 12% relataram conflitos, com familiares ou amigos, devido ao consumo¹¹.

Tendo em vista a relevância do tema abordado, o presente estudo visou estabelecer a prevalência do consumo considerado de risco entre adolescentes que cursam o Ensino Médio em escolas pública e privada do município de Ipatinga, Minas Gerais bem como discutir fatores associados a esse consumo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional do tipo transversal. A população foi constituída por adolescentes do Ensino Médio de uma escola pública e uma escola privada no município de Ipatinga, Minas Gerais, no ano de 2018. Foram definidos como elegíveis para inclusão no grupo todos os estudantes matriculados com idade entre 14 e 19 anos de idade.

Para o cálculo amostral, adotou-se o nível de confiança de 95%, considerando como estimativa preliminar de 23% de consumo excessivo de álcool encontrada por Campos *et al.* (2011) em estudo realizado em Passos (MG), e a margem relativa de erro foi fixada em 5%. Em relação à escolha das escolas, inicialmente foi pesquisada a quantidade de alunos matriculados em todas as escolas de ensino médio de Ipatinga. Foi realizado um sorteio aleatório, porém as duas escolas sorteadas se recusaram a participar da

pesquisa. Sendo assim, as escolas foram escolhidas por conveniência entre as que tinham um grande número de alunos. A amostra calculada foi de 397 alunos, sendo no mínimo 337 alunos na escola pública e 62 na escola particular para garantir representatividade. Diante da boa aceitação dos alunos, a amostra final foi de 523 alunos, sendo 328 em escola pública e 195 na escola privada.

Em visita às escolas, após aprovação ética do projeto, os pesquisadores explicaram o trabalho e o tema para os adolescentes, ressaltando a importância da participação na pesquisa. Em seguida, foram entregues aos estudantes com idade entre 14 e 18 anos o termo de assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais (TCLE). Para os adolescentes com idade superior a 18 anos, foi entregue o TCLE para participantes da pesquisa. Na segunda visita às escolas, houve a aplicação dos questionários aos adolescentes que apresentaram os termos de consentimento assinados.

Para avaliar e identificar o consumo de álcool entre os estudantes foi utilizado o *Alcohol Use Disorders Identification Test* – AUDIT. Esse questionário autoaplicável foi criado pela Organização Mundial da Saúde; é um instrumento validado em diversos países e apresenta bons níveis de sensibilidade e especificidade para detecção do uso nocivo de álcool. O AUDIT é composto por 10 questões pontuadas de 0 a 4, cujo somatório classifica o usuário de acordo com o valor obtido, em que uma pontuação de 8 ou mais sugere um consumo de risco, e pontuação de 20 ou mais é forte indicativo de dependência alcoólica.

Os dados sociais, bem como a relação do jovem com o álcool, com questões sobre a vida escolar, composição familiar, escolaridade dos pais, uso de álcool na família (sim/ não) e idade de início do consumo de álcool foram avaliadas por questionário autoaplicável elaborado pelos pesquisadores. As variáveis independentes: sexo (feminino/ masculino), idade, raça, religião, com quem mora (pais/outros) e renda familiar do estudante também estavam contidas nesse questionário.

Após distribuição dos questionários, foi estipulado o tempo total de 20 minutos para o preenchimento, de forma sigilosa e sem interferência dos pesquisadores. Os próprios alunos colocaram os instrumentos de coleta (questionários) em caixa lacrada com abertura apenas para introduzir o material. Somente os pesquisadores tiveram acesso aos instrumentos usados, sem identificação nominal dos participantes.

Os dados foram digitados em planilhas do EpiInfo versão 7.0 e analisados por meio do SPSS versão 19.0. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais. Na análise descritiva, foram construídas tabelas de distribuição de frequências para as variáveis categóricas e calculadas as medidas de tendência central e variabilidade para as variáveis numéricas.

Na análise inferencial, as associações foram analisadas por meio dos testes Qui-quadrado de Pearson, exato de Fisher ou t-Student, considerando um

nível de significância de 5%. O presente estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais- Unileste, com número de identificação CAAE: 83428018.5.0000.5095.

3. RESULTADOS

Conforme apresentado na Tabela 1, participaram da pesquisa um total de 523 adolescentes, sendo 328 alunos na escola pública (62,7%) e 195 na escola privada, com idade média de 16,6 anos (desvio padrão 1,3; idade mínima 14 anos e idade máxima 26 anos). Em relação ao sexo (n=518), 53,6% são do sexo feminino. A maior parte está no 1º ano do Ensino Médio (33,9%), e 21,2% dos alunos já repetiram de ano, geralmente só uma vez (69,1%).

No que se refere à raça ou cor de pele autodeclarada, a maioria dos estudantes relatou ser pardo (44%). A grande maioria dos alunos (97,3%) é solteira e 63,7% moram com pais e/ou irmãos. Observa-se que 34,4% dos pais e 39,9% das mães possuem curso superior completo. A maioria dos estudantes entrevistados (68,1%) tem em sua casa de 2 a 4 moradores.

Tabela 1: Caracterização dos dados sociodemográficos de alunos do Ensino Médio em Ipatinga.

	N	Percentual
Escola (n=523)		
Pública	328	62,7
Privada	195	37,3
Sexo (n=517)		
Feminino	277	53,6
Masculino	240	46,4
Idade (n=523)		
Média ± desvio-padrão	16,6 ± 1,3	
Mínimo – máximo	14 - 26	
Em que ano do Ensino Médio está (n=522)		
1º	177	33,9
2º	173	33,1
3º	172	33,0
Já repetiu de ano (n=518)		
Não	408	78,8
Sim	110	21,2
Se sim quantas vezes (n=110)		
Uma vez	76	69,1
Duas vezes	27	24,5
Três vezes ou mais	7	6,4
Como se considera (n=519)		
Branco	208	40,1
Pardo	232	44,7
Preto	55	10,6
Amarelo	17	3,3
Indígena	7	1,3
Estado civil (n=512)		
Solteiro	498	97,3
Casado	7	1,4
Divorciado	1	0,2
Moro com companheiro	6	1,2
Com quem mora (n=520)		
Pais e/ou irmãos	331	63,7
Pais, irmãos, avós/tios	37	7,1
Um dos pais e padrasto/madrasta	31	6
Pai/mãe/avós/irmão	81	15,6
Sozinho	22	4,2
Outro	18	3,5
<i>(continuação...)</i>		
Escolaridade do pai (n=491)		
Nunca estudou	10	2

Ensino Fundamental Incompleto	119	24,2
Ensino Fundamental Completo	64	13
Ensino Médio Completo	129	26,3
Ensino Superior Completo	169	34,4
Escolaridade da mãe (n=514)		
Nunca estudou	4	0,8
Ensino Fundamental Incompleto	138	26,8
Ensino Fundamental Completo	128	24,9
Ensino Médio Completo	39	7,6
Ensino Superior Completo	205	39,9
Quantas pessoas moram na sua casa (n=505)		
Uma	15	3
Dois a quatro	344	68,1
Cinco a seis	127	25,1
Mais de seis	19	3,8

FONTE: Dados da Pesquisa.

Os dados apresentados na Tabela 2 demonstram que a grande maioria dos alunos afirma ter um bom relacionamento familiar (91%) e costumam discutir assuntos como drogas e álcool com a família (60,8%).

A maior prevalência de consumo de álcool entre os conhecidos é entre os amigos, conforme onde marcaram 90,3% dos alunos. O primeiro consumo de álcool entre os estudantes se deu principalmente em uma festa ou bar (54,8%) e em maior parte por iniciativa própria (42,3%), com em média 13,8 anos de idade ($\pm 2,2$ anos). A maior parte dos alunos que já bebeu afirma ter bebido no último mês (69,5%). Entre os que responderam o porquê de não terem bebido nos últimos 6 meses, mais da metade disse que é por não gostar (52,6%).

Tabela 2: Caracterização dos dados sobre relacionamento familiar e consumo de álcool entre alunos do Ensino Médio de Ipatinga.

	N	Percentual
Boa relação familiar (n=521)		
Não	47	9
Sim	474	91
Costuma discutir assuntos como álcool e drogas (n=521)		
Não	204	39,2
Sim	317	60,8
Parentes e conhecidos que bebem:		
Pai (n=463)		
Não	159	34,3
Sim	304	65,7
Mãe (n=448)		
Não	224	50
Sim	224	50
Irmãos (n=400)		
Não	241	60,3
Sim	159	39,8
Tios (n=454)		
Não	89	19,6
Sim	365	80,4
Avós (n=390)		
Não	225	57,7
Sim	165	42,3
Amigos (n=473)		
Não	46	9,7
Sim	427	90,3
Onde foi o primeiro consumo (n=354)		
Festa ou bar	194	54,8
Em casa	90	25,4
Em casa de amigos	56	15,8
Outros	14	4

(continuação...)

Quem lhe ofereceu álcool pela primeira vez (n=357)

Meus pais	33	9,2
Outro familiar	37	10,4
Meus amigos	134	37,5
Um estranho	2	0,6
Iniciativa própria	151	42,3

Com que idade consumiu pela primeira vez (n=347)

Média \pm desvio-padrão	13,8 \pm 2,2
Mínimo – máximo	6 - 19

Quando foi a última vez q bebeu (n=354)

No último mês	246	69,5
De 1 a 6 meses	65	18,4
De 6 meses a 1 ano	18	5,1
Entre 1 e 2 anos	14	4
Há mais de 2 anos	11	3,1

Qual o motivo de não beber? (n=194)

Não gosta	102	52,6
Religião não permite	19	9,8
Toma remédio controlado	11	5,7
Outros	62	32

FONTE: Dados da Pesquisa

Já a estratificação do risco associado ao consumo de álcool é demonstrada na Figura 1, com uma prevalência total de consumo de risco de 25,9% (AUDIT >7) e, entre esses, 20,1% tem uso de risco, 4,0% uso nocivo e 1,8% provável dependência.

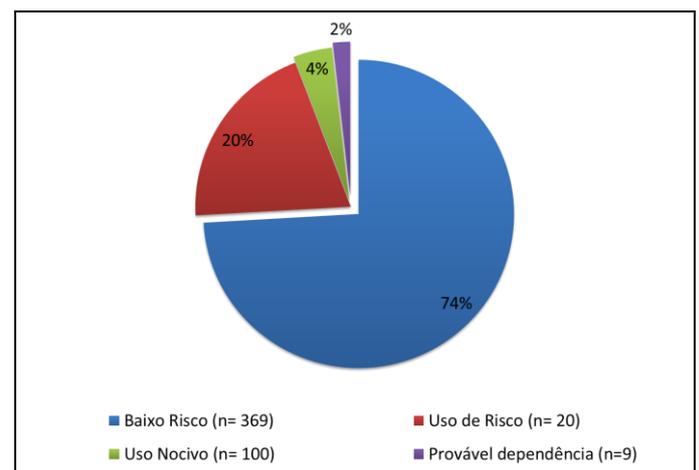


Figura 1.: Estratificação de risco associado ao consumo de álcool, de acordo com o questionário AUDIT, dos estudantes do Ensino Médio de Ipatinga. Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme apresentado na tabela 3, os fatores sociodemográficos significativamente associados ao consumo de álcool considerado de risco foram idade; repetição escolar; com quem mora e escolaridade da mãe (valores $p < 0,05$). Os estudantes com consumo de risco tiveram maior média de idade que aqueles que não consomem. Os alunos que repetiram de ano também apresentaram consumo de risco maior, 36,5% dos casos contra 23% nos que não repetiram.

Os alunos que moram sozinhos ou com outras pessoas não familiares tiveram consumo de risco elevado 52,4% e 47,1% respectivamente, enquanto os alunos cujas mães possuem ensino superior completo apresentaram consumo de risco mais baixo que os demais grupos (19,2%).

Tabela 3: Fatores sociodemográficos associados ao consumo de álcool considerado de risco entre alunos do Ensino Médio de Ipatinga.

	Consumo de álcool de risco		Valor-p
	Não	Sim	
Tipo de escola			
Pública	217 (71,4%)	87 (28,6%)	0,083
Privada	152 (78,4%)	42 (21,6%)	
Sexo (n=518)			
Feminino	203 (76,0%)	64 (24,0%)	0,286
Masculino	163 (71,8%)	64 (28,2%)	
Idade (n=523)			
Média ± desvio-padrão	16,5 ± 1,4	16,8 ± 1,3	0,024
Renda Familiar (n=491)			
Não sei	96 (73,3%)	35 (26,7%)	0,364
Até dois salários mínimos	62 (68,1%)	29 (31,9%)	
Dois a quatro salários mínimos	58 (73,4%)	21 (26,6%)	
Mais de quatro salários mínimos	148 (77,9%)	42 (22,1%)	
Em que ano do Ensino Médio está (n=523)			
1º	126 (75,4%)	41 (24,6%)	0,878
2º	123 (73,2%)	45 (26,8%)	
3º	119 (73,2%)	43 (26,5%)	
Já repetiu de ano (n=519)			
Não	301 (77%)	90 (23%)	0,005
Sim	66 (63,5%)	38 (36,5%)	
Como você se considera (n=495)			
Branco	159 (78,7%)	43 (21,3%)	0,081
Pardo	156 (71,6%)	62 (28,4%)	
Preto	35 (68,6%)	16 (31,4%)	
Amarelo	10 (58,8%)	7 (41,2%)	
Indígena	7 (100%)	0 (0%)	
Com quem mora (n=521)			
Pais e/ou irmãos	243 (76,2%)	76 (23,8%)	0,023
Pais, irmãos, avós/tios	24 (72,7%)	9 (27,3%)	
Um dos pais e padrasto/madrasta	23 (76,7%)	7 (23,3%)	
Pai/mãe/avós/irmão	59 (77,6%)	17 (22,4%)	
Sozinho	10 (47,6%)	11 (52,4%)	
Outro	9 (52,9%)	8 (47,1%)	
Escolaridade do pai (n=492)			
Nunca estudou	7 (70%)	3 (30%)	0,176
Ensino Fundamental Incompleto	81 (72,3%)	31 (27,7%)	
Ensino Fundamental Completo	37 (62,7%)	22 (37,3%)	
Ensino Médio Completo	91 (73,4%)	33 (26,6%)	
Ensino Superior Completo	132 (79,0%)	35 (21%)	
Escolaridade da mãe (n=515)			
Nunca estudou	2 (50%)	2 (50%)	0,014
Ensino Fundamental Incompleto	93 (74,4%)	32 (25,6%)	
Ensino Fundamental Completo	76 (63,9%)	43 (36,1%)	
Ensino Médio Completo	28 (73,7%)	10 (26,3%)	
Ensino Superior Completo	164 (80,8%)	39 (19,2%)	
Quantas pessoas moram na sua casa (n=506)			
Uma	8 (53,3%)	7 (46,7%)	0,233
Dois a quatro	245 (74%)	86 (26%)	
Cinco a seis	93 (76,2%)	29 (23,8%)	
Mais de seis	14 (82,4%)	3 (17,6%)	

FONTE: Dados da Pesquisa

Embora o consumo de risco tenha sido maior entre os alunos de escola pública, essa diferença não foi estatisticamente significativa, assim como o sexo masculino ($p>0,05$).

Entre os fatores familiares apresentados na Tabela 4, houve associação significativa entre o consumo de álcool pelos irmãos ou amigos e o consumo de risco do adolescente (valores- $p<0,05$). Pode-se observar um consumo de risco em 32,5% dos alunos cujos irmãos bebem, contra 18,4% dos demais ($p=0,002$).

Quando perguntados sobre os amigos, apenas 6,8% dos alunos que responderam não ter amigos que bebem apresentaram consumo de risco, contra 27,6% de consumo de risco entre os alunos com amigos que bebem. O consumo de risco foi mais prevalente entre os jovens que receberam álcool pela primeira vez de outros familiares (diferentes dos pais – 47,2%) ou de amigos (35,9%), e menor entre aqueles que receberam álcool pela primeira vez dos pais (12,5%), sendo essas diferenças significativas ($p<0,05$).

Tabela 4: Fatores sobre relacionamento familiar associados ao consumo de álcool considerado de risco entre alunos do Ensino Médio de Ipatinga, 2019.

	Consumo de álcool de risco		Valor-p
	Não	Sim	
Boa relação familiar (n=522)			
Não	28 (63,6%)	16 (36,4%)	0,101
Sim	339 (75%)	113 (25%)	
Costuma discutir assuntos como álcool e drogas (n=522)			
Não	150 (77,7%)	43 (22,3%)	0,152
Sim	218 (71,9%)	85 (28,1%)	
Parentes e conhecidos que bebem: Pai(n=464)			
Não	119 (79,9%)	30 (20,1%)	0,159
Sim	217 (73,8%)	77 (26,2%)	
Mãe (n=449)			
Não	164 (78,8%)	44 (21,2%)	0,055
Sim	155 (70,8%)	64 (29,2%)	
Irmãos (n=401)			
Não	186 (81,6%)	42 (18,4%)	0,002
Sim	104 (67,5%)	50 (32,5%)	
Tios (n=455)			
Não	65 (78,3%)	18 (21,7%)	0,409
Sim	261 (73,9%)	92 (26,1%)	
Avós (n=391)			
Não	162 (76,4%)	50 (23,6%)	0,997
Sim	123 (76,4%)	38 (23,6%)	
Amigos (n=474)			
Não	41 (93,2%)	3 (6,8%)	0,003
Sim	296 (72,4%)	113 (27,6%)	
Quem lhe ofereceu álcool na primeira ocasião em que bebeu? (n=196)			
Meus pais	28 (87,5%)	4 (12,5%)	0,008
Outro familiar	19 (52,8%)	17 (47,2%)	
Amigos	82 (64,1%)	46 (35,9%)	
Iniciativa própria	83 (57,6%)	61 (42,3%)	

FONTE: Dados da Pesquisa

4. DISCUSSÃO

Entre os adolescentes, percebe-se uma série de circunstâncias associadas ao hábito de consumo de álcool antecipado, por exemplo, a precocidade na experimentação. Segundo estudos nacionais do Centro Brasileiro de Drogas Psicótropas, verificou-se uma idade média para consumo de risco de 15,51 anos. Em contrapartida, esta pesquisa revelou um uso de risco na faixa etária entre 16 e 17 anos, não demonstrando discrepância significativa nas demais literaturas. Um dos motivos para tal ação se deve ao fato da aquisição de autonomia e busca pela autoafirmação, comuns da adolescência. O uso de substâncias psicoativas nessas idades aumenta as chances de dependência química na

vida adulta, comprometendo o desenvolvimento psicossocial e neurológico do adolescente¹².

Martins-Oliveira (2016)¹³ relatam que, no Brasil, a 5ª Pesquisa Nacional sobre Consumo de Drogas Psicotrópicas constatou que a experimentação inicial ocorre em torno dos 10 a 12 anos, sendo necessárias intervenções antes da adolescência. Já em um estudo transversal de 2015 realizado por Andrade (2017)¹⁴ em Aracaju no estado de Alagoas, a idade igual ou superior a 15 anos exibiu associação significativa com a experiência de consumo de álcool. O uso pode decorrer do fácil acesso, falta de controle de vendas a jovens menores de 18 anos, amigos e familiares que bebem.

Analisando sob a perspectiva do tipo de escola, segundo Locatelli *et al.* (2012)¹⁵, o consumo de álcool é maior entre alunos de escola pública enquanto a ingestão excessiva episódica seria maior entre escolas privadas. Malta *et al.* (2014b)¹⁶ afirmam que o número de adolescentes que consumiu pelo menos uma dose na vida é maior em escolas públicas, enquanto analisando apenas o consumo recente de pelo menos uma dose nos últimos 30 dias, estudar em escola pública foi um fator protetor.

O presente estudo não identificou diferença significativa entre escola pública e privada, talvez devido à escolha dos colégios por conveniência, já que o resultado obtido mostra uma tendência de maior consumo nas escolas públicas, 28,6%, contra 21,6% nas privadas.

Em relação ao gênero, não houve diferença significativa no presente estudo, demonstrando que a conquista de autonomia por parte da mulher, associada aos movimentos que valorizam e trazem empoderamento à figura feminina, podem ter contribuído na redução da discrepância de prevalência de consumo de álcool entre os gêneros. Em concordância, Nadaleti *et al.* (2018)¹⁷ em pesquisa realizada no sul do estado de Minas Gerais, revelaram um consumo na mesma proporção entre meninos e meninas. Tal fato corrobora com a possibilidade de que a busca pela igualdade pode predispor alterações de paradigmas como o consumo de álcool, que previamente prevalecia no gênero masculino.

Esse resultado foi igualmente validado por um estudo transversal desenvolvido com adolescentes escolares na faixa etária de 13 a 15 anos em um município do Sul do Brasil por Vieira *et al.* (2008)¹⁸ e Jorge *et al.*¹⁹, que não encontraram associação entre gênero e incidência do consumo de risco. Esses achados sugerem que o aumento do consumo do álcool, por parte das mulheres, pode ter relação com a independência financeira e o fato de que adolescentes meninas, atualmente, possuem mais liberdade para frequentar ambientes onde existam bebidas alcoólicas, anteriormente frequentados apenas por homens.

Em estudo transversal desenvolvido com adolescentes na cidade de Belo Horizonte, com faixa etária 15 a 19 anos e o instrumento de avaliação AUDIT, Zarzar *et al.* (2012)²⁰ discordaram desse trabalho, pois mostram um consumo de risco maior no

sexo masculino, bem como naqueles que vivem em uma área de baixa vulnerabilidade (melhores condições de moradia, escolaridade, renda, trabalho, assistência jurídica e saúde).

Da mesma forma, o Health Behavior in School Aged Children (HBSC), administrado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), destacou prevalência do consumo de álcool no sexo masculino. Reiterando essa informação, dados da Pesquisa Nacional Brasileira de Álcool expõem que o uso abusivo e o consumo em excesso são maiores no gênero masculino, o que pode ser inferido devido à maturidade precoce alcançada pelas meninas¹³. Entretanto Malta *et al.* (2014b)¹⁶ encontraram resultados diferentes. Em análise dos dados do estudo PeNSE 2012, foi vista uma prevalência maior de consumo de álcool, pelo menos uma dose na vida, em meninas 51,7% contra 48,7% em meninos.

No presente estudo, observa-se um padrão de consumo de risco entre alunos com repetição de ano escolar. O uso do álcool está relacionado ao prejuízo nas funções cognitivas, comportamentais, emocionais e acadêmicas dos jovens, comprometendo o aprendizado e reduzindo o desempenho escolar. Além disso, o consumo excessivo do álcool pode acarretar transtornos mentais, como depressão e ansiedade^{21,13}. Em sua análise do PeNSE 2012, Malta *et al.* (2014c)²² reforçam essa relação entre consumo de álcool recente e o estado mental, apresentando como fatores de risco o sentimento de solidão, insônia, ou estranhamente, ter pelo menos 1 amigo próximo, em contraste com a resposta de não ter nenhum amigo próximo. No entanto, Noal *et al.* (2010)²³ em estudo longitudinal, afirmam que a repetição escolar não tem relação com maior consumo de álcool no desfecho do estudo.

Em resultado obtido nesta pesquisa, o maior grau de escolaridade materna representou um fator protetor ao uso abusivo de bebidas alcoólicas pelos filhos. Isso pode associar-se ao fato de as mães com maior nível de escolaridade conhecerem os malefícios do álcool, o que possibilita que seus filhos adolescentes conheçam tais riscos e tenham melhor esclarecimento dessa questão. Além disso, um trabalho realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, constatou que as mães possuem grande influência no consumo de álcool pelos adolescentes¹⁹.

Em contrapartida, Reis & Oliveira (2015)⁸ afirmaram que o consumo de álcool entre adolescentes de 12 a 17 anos manteve-se associado ao maior grau de escolaridade da mãe. Tal qual Brito *et al.* (2015)⁹ constatam correlação positiva entre maior escolaridade materna e exposição a comportamento de risco. Esse é fato interessante a ser discutido, pois com um maior nível de escolaridade materna, espera-se um melhor estilo de vida e uma melhor orientação parental, embora aumente a facilidade ao acesso a bebidas alcoólicas.

Em concordância com o resultado exposto acima foi publicado um estudo no Jornal Brasileiro de Psiquiatria por Zuquette *et al.* (2019), evidenciando a importância da comunicação e do bom relacionamento

entre os pais e filhos associados a níveis reduzidos de consumo de bebidas na adolescência. Um estudo longitudinal realizado no Sudeste brasileiro revelou que, quanto maior o consumo de álcool pelo pai, menor a probabilidade de o jovem reduzir seu uso, em contraste com o presente estudo que não encontrou relação significativa entre o consumo do participante e seus progenitores¹⁹.

Neste estudo foi relatado pelos participantes o consumo de álcool do pai em 65,7% dos casos e da mãe em 50%; no entanto, não houve associação significativa com o consumo de risco dos adolescentes. Por outro lado, Noal *et al.* (2010)²³ relatam associação direta entre a experimentação de álcool e o uso parental. Em concordância, Vieira *et al.* (2008)¹⁸ publicam um estudo com alto índice de consumo de álcool pelos pais (73%), associando esse fato ao uso de pelo menos uma vez na vida pelos escolares.

Do mesmo modo que Vieira *et al.* (2008)¹⁸ este estudo evidenciou que a condição socioeconômica avaliada pela renda dos pais não está diretamente associada a um consumo de risco, o que pode ser justificado devido à utilização de bebidas alcoólicas ser uma conduta comum na sociedade e um comportamento social amplamente aceito. Entretanto, Baus *et al.*²⁵ relatam que estudantes com nível socioeconômico mais elevado possuem risco maior para o uso de álcool, o que pode ser justificado devido à maior facilidade econômica para adquirir bebida.

A variável com quem o jovem reside teve um impacto importante na utilização de bebidas alcoólicas. Verificou-se que 52,4% dos alunos que residem sozinhos e 47,1% daqueles que moram com outros indivíduos não familiares têm um consumo de risco. De fato, a boa comunicação entre pais e filhos abordando várias questões e não somente o uso de bebidas alcoólicas está relacionada a menores taxas de consumo de álcool entre adolescentes¹⁵. Resultados semelhantes foram apresentados pela pesquisa PeNSE nos anos de 2009 e 2012, mostrando como fatores protetores a questão de o aluno morar com pelo menos um dos pais e que, quanto mais refeições em família por semana, menor o risco de consumo alcoólico pelo adolescente^{22,26}.

Em sua análise realizada com estudantes na faixa etária de 10 a 18 anos, em escolas públicas de 27 capitais brasileiras, Galduróz *et al.* (2010)²⁷ mostram associação entre relacionamento regular ou ruim com o pai (OR= 1,46) e mãe (OR= 1,61) e o uso pesado de álcool. Isso possivelmente ocorre porque durante o período da adolescência há um distanciamento do núcleo familiar e uma busca, por comportamentos e ideias semelhantes em amigos e/ou irmãos. Nesse cenário, o adolescente assume atitudes como etilismo e tabagismo, que favorecem sua socialização. Os resultados da presente pesquisa demonstram uma associação positiva entre o consumo de risco do adolescente e consumo de bebida alcoólica por parte de irmãos e amigos.

Segundo a Teoria de Aprendizagem Social (1977),

desenvolvida por Albert Bandura, a observação do comportamento de um indivíduo, visto como semelhante, aumenta a probabilidade da realização da mesma tarefa. Logo, valorização social, popularidade e sensação de pertencimento ao grupo são modelos de sucesso que induzem os jovens a imitarem o mais notório, que, na maioria das vezes, possui hábitos de risco como o etilismo.

O presente estudo, observacional do tipo transversal, apresenta algumas limitações. A primeira se refere à amostra, que envolve poucas entidades onde ocorreu a coleta de dados, visto o múltiplo número de escolas na cidade de Ipatinga/MG. A segunda se relaciona à confiabilidade das respostas obtidas, porque, apesar da garantia do anonimato, há o viés de desconfiança por parte dos alunos, ao serem fidedignos com o real uso do álcool. A terceira, aos estudos semelhantes ao tema abordado utilizando o AUDIT, já que são poucos envolvendo a mesma faixa etária e os instrumentos semelhantes de avaliação.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo identificou um consumo de bebidas alcólicas significativo entre os estudantes do Ensino Médio, com uma prevalência de consumo de risco de 25,9% e uso de risco de 4%. Além disso, nota-se a grande influência da baixa escolaridade materna, do etilismo de irmãos e amigos, do fato de morarem sozinhos ou com outras pessoas não familiares e da reprovação escolar.

Sendo assim, é imprescindível o desenvolvimento de trabalhos científicos sobre o tema, com estudos mais amplos e integrados que analisem a relação do álcool entre os adolescentes e seus fatores associados. Para isso, é essencial a utilização de recursos que quantifiquem o consumo de álcool entre os jovens, como o Alcohol Use Disorder Test - AUDIT, que é um questionário validado internacionalmente. Essa avaliação é fundamental para promover ações e políticas preventivas, já que o uso de álcool entre estudantes do Ensino Médio é um problema de saúde pública global e nacional.

Os aspectos abordados no estudo demonstram a necessidade de entender o cenário epidemiológico desse agravo de saúde, visando restringir essa prevalência de consumo de álcool e intervir na saúde dos jovens. É notável a importância de se avaliar os determinantes sociais de saúde, também no contexto analisado, com o intuito de caracterizar os fatores associados ao uso de álcool considerado de risco, e propor estratégias de intervenção para as populações específicas.

6. AGRADECIMENTOS ou FINANCIAMENTO

Agradecemos às Instituições do Ensino Médio mobilizadas na pesquisa, que nos acolheram e permitiram a realização do estudo. Não houve fonte de financiamento nessa pesquisa.

7. REFERÊNCIAS

- [1] Malta DC, Mascarenhas MDM, Porto DL, *et al.* Exposição ao álcool entre escolares e fatores associados. *Rev Saude Pública.* 2014a; 48(1):52-62.
- [2] Anjos KF, Santos VC, Almeida OS. Caracterização do consumo de álcool entre estudantes do ensino médio. *Revista Baiana De Saúde Pública.* 2012; 36(2):418-43.
- [3] Machado IE, Felisbino-Mendes MS, Malta DC, *et al.* Supervisão dos pais e o consumo de álcool por adolescentes brasileiros: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015. *Rev Bras Epidemiol.* 2018; 21(Supl.1):1-13.
- [4] Sociedade Brasileira De Pediatria (SBP). Manual de orientação: Departamento Científico de Adolescência (Consulta do adolescente: abordagem clínica, orientações éticas e legais como instrumentos ao pediatra). SBP. 2019.
- [5] Shansis F. Tratado de Psiquiatria Clínica. 5ª ed. *Rev Bras Psiquiatr.* 2012; 34:122-23.
- [6] Coutinho ESF, França-Santos D, Magliano EDS, *et al.* ERICA: patterns of alcohol consumption in Brazilian adolescents. *Rev. Saúde Pública.* 2016; 50(Supl. 1).
- [7] Gosta GM, De Paula MV, Borges NMM, *et al.* O uso de álcool entre estudantes adolescentes. *Revista EDaPECI - Educação a Distância e práticas educativas e comunicacionais e interculturais.* 2017; 17(1):234-50.
- [8] Reis TG, Oliveira LCM. Padrão de consumo de álcool e fatores associados entre adolescentes estudantes de escolas públicas em município do interior brasileiro. *Rev Bras Epidemiol.* 2015; 18(1):13-24.
- [9] Brito ALS, Hardman CM, De Barros MVG. Prevalence and factors associated with the co-occurrence of health risk behaviors in adolescents. *Rev Paul Pediatr.* 2015; 33(4):423-30.
- [10] Vieira DL, Ribeiro M, Romano M, *et al.* Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. *Rev Saude Publica.* 2007; 41(3):396-403.
- [11] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2015 (PeNSE). Rio de Janeiro: IBGE. 2016.
- [12] Strauch ES, Pinheiro RT, Silva RA, *et al.* Uso de álcool por adolescentes: estudo de base populacional. *Rev Saude Publica.* 2009; 43(4):647-55.
- [13] Martins-Oliveira JG, Jorge KO, Ferreira RS, *et al.* Risk of alcohol dependence: prevalence, related problems and socioeconomic factors. *Ciência e Saúde Coletiva.* 2016; 21(1): 17-26.
- [14] Andrade ME, Santos IHF, De Souza A.A.M, *et al.* *Rev Saúde Pública.* 2017; 51(82):1-9.
- [15] Locatelli D, Sanchez Z, Opaleye E, *et al.* Influências socioeconômicas no padrão de consumo de álcool entre estudantes de escolas privadas em São Paulo. *Braz J Psychiatry.* 2012; 34(2):193-200.
- [16] Malta DC, Machado, IE, Porto DL, *et al.* Consumo de álcool entre adolescentes brasileiros segundo a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE 2012). *Rev Bras Epidemiol.* 2014b; 17(1):203-14.
- [17] Nadaleti NP, Muro ES, De Carvalho CC, *et al.* Avaliação do consumo de álcool entre adolescentes e os problemas associados. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas.* 2018; 14(3):168-176.
- [18] Vieira PC, Aerts DRGC, Freddo SL, *et al.* Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares em município do Sul do Brasil. *Cad Saude Publica.* 2008; 24(11):2487-98.
- [19] Jorge KO, Ferreira RC, Ferreira EF, *et al.* Binge drinking and associated factors among adolescents in a city in southeastern Brazil: a longitudinal study. *Cad Saude Publica.* 2017; 33(2):1-13.
- [20] Zarzar PM, Jorge KO, Oksanen T, *et al.* Association Between binge drinking, type of friends and gender: A cross-sectional study among Brazilian adolescents. *BMC Public Health.* 2012; 12(257):1-11.
- [21] Franceschini VLC, Miranda-Ribeiro P, Gomes MF. Beber e estudar: o uso de bebidas alcoólicas e a reprovação na 1ª série do Ensino Médio, Ribeirão das Neves, Minas Gerais, 2008. In: *Anais do XXI Encontro Nacional De Estudos Populacionais.* 2018. Poços de Caldas, Minas Gerais.
- [22] Malta DC, Oliveira-Campos M, Do Prado RR, *et al.* Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). *Rev Bras Epidemiol.* 2014c; 17(1):46-61.
- [23] Noal RB, Menezes AMB, Araújo CL, *et al.* Uso experimental de álcool no início da adolescência: a visita de 11 anos da coorte de nascimentos de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 1993. *Cad Saude Publica.* 2010; 26(10):1937-44.
- [24] Zuquetto CR, Opaleye ES, Feijó MR, *et al.* Contributions of parenting styles and parental drunkenness to adolescent drinking. *J Bras Psiquiatr.* 2019; 41(6):1-7.
- [25] Baus J, Kupek E, Pires M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. *Rev Saúde Pública.* 2002; 36(1):40-46.
- [26] Malta DC, Porto DL, Melo FCM, *et al.* Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Rev Bras Epidemiol.* 2011; 21(1):166-77.
- [27] Galduróz JCF, Sanchez ZVDM, Opaleye ES, *et al.* Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. *Rev Saúde Pública.* 2010; 44(2):267-273.